



A narrativa mítica, heroica e crítica da guerra: diálogo poético entre *A Gruta Americana*, de Silva Alvarenga, e o *Canto Heroico*, de Cláudio Manuel da Costa

The Mythical, Heroic and Critical Narrative of War: Poetic Dialogue between Silva Alvarenga's Gruta Americana and Canto Heroico, by Cláudio Manuel Da Costa

Carlos Versiani dos Anjos

Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Parnamirim, Rio Grande do Norte/Brasil
carlos.versiani@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3698-864X>

Resumo: Manoel Inácio da Silva Alvarenga é detentor de uma obra vasta, eclética e riquíssima, caracterizada pelo espírito crítico e pela obediência à simplicidade e naturalidade próprias do arcadismo, mas que se envereda também pela narrativa mítica e fantástica. É o caso do poema *A Gruta Americana*, publicado no ano de 1779 e escrito em Minas Gerais, dois anos após Alvarenga retornar de Portugal. O poema trata da participação da capitania de Minas Gerais nas tropas arregimentadas para fazer frente às invasões espanholas ao sul do Brasil, ocorridas no início de 1777. Compõe-se como um grande quadro alegórico, no qual a história da guerra é contada por uma entidade indígena que habita uma gruta encravada nos sertões das Minas. O canto mágico que ecoa da gruta é precedido por uma narrativa que descreve detalhadamente o cenário, os personagens e os elementos que lá se escondem. Neste artigo, é feita uma analogia desta obra com o poema *Canto Heroico*, de Cláudio Manuel da Costa, que versa sobre o mesmo tema, sendo possível perceber visões e estilos que ora se aproximam, ora se distanciam, mas que certamente estabelecem um diálogo rico e fecundo, de grande qualidade estética, como era comum entre os árcades ultramarinos, ilustres representantes da poesia brasileira do século XVIII.

Palavras-chave: arcadismo; século XVIII; Silva Alvarenga; Cláudio Manuel; Minas Gerais.

Abstract: Manoel Inácio da Silva Alvarenga has a vast, eclectic and rich body of work, characterized by a critical spirit and obedience to the simplicity and naturalness typical of Arcadianism, but which also includes mythical and fantastic narratives. Such is the case of the poem *A Gruta Americana*, published in 1779 and written in Minas Gerais, two years after Alvarenga returned from Portugal. The poem addresses the participation of the captaincy of Minas Gerais in the troops assembled to face the Spanish invasions of

southern Brazil in early 1777. The poem composes a large allegorical picture, in which the history of the war is told by an Indigenous entity who inhabits a cave carved into the hinterlands. The magical chant that echoes from the cave is preceded by a narrative that details the setting, characters and elements hidden there. This paper proposes an analogy of this work with Cláudio Manuel da Costa's *Canto Heroico*, poem that addresses the same theme. One can observe perspectives and styles that are, at times, incredibly similar and completely different, but which establish rich and fruitful dialogues, of great aesthetic quality, as was common among the overseas Arcadians, illustrious representatives of 18th century Brazilian poetry.

Keywords: arcadianism; 18th century; Silva Alvarenga; Claudio Manuel; Minas Gerais.

1 O árcade ultramarino Alcindo Palmireno

Manuel Inácio da Silva Alvarenga nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, no ano de 1749. Fez os seus primeiros estudos no Seminário de Mariana, partindo daí, com a ajuda de amigos, para os bancos da Universidade de Coimbra. De 1767 a 1776, permaneceu Silva Alvarenga em Portugal, ali desfrutando da amizade e apoio material dos conterrâneos José Basílio da Gama e Inácio José de Alvarenga Peixoto. Em 1771, teve que interromper seu bacharelado em Direito, quando foram momentaneamente suspensos os cursos para a Reforma da Universidade, concluída em 1772. Silva Alvarenga retomou, então, os estudos, tornando-se, a partir daí, um dos poetas árcades brasileiros mais produtivos, dominando os gêneros lírico, épico e satírico, e exercitando também, de forma consistente, a crítica literária.

A obra *Epístola, A Termindo Sipílio Árcade Romano por Alcindo Palmireno Árcade Ultramarino* foi a primeira publicação de Silva Alvarenga, feita inicialmente de forma ousada, em 1772, sem a devida autorização prévia da Real Mesa Censória, o que o levaria, e ao seu editor Ginoux, a um incômodo processo inquisitorial.¹ Depois, com a devida licença, o poema teve grande circulação, já repercutindo o forte pendor crítico do árcade mineiro. Trata-se, na verdade, de um extenso elogio à obra *O Uruguai*, do grande amigo e protetor Basílio da Gama, a quem Silva Alvarenga devia não só sua apresentação aos círculos literários de Portugal, mas também

¹ *Processos a livreiros, impressores e outros*, disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 176, livro 10, MF 2756.

a assumida condição de Árcade Ultramarino, como pertencente à Arcádia fundada por Cláudio Manuel da Costa em Minas Gerais, no ano de 1768.

O projeto de criação da Arcádia Ultramarina, afiliada da Arcádia Romana, contara, ainda em 1763, com a participação efetiva de Basílio da Gama e do também brasileiro Joaquim Inácio de Seixas Brandão, já associados à mais prestigiada Academia Literária italiana (VERSIANI, 2019)². Em pelo menos seis das obras de Silva Alvarenga publicadas entre 1772 e 1780, ele se declara pertencente à Arcádia Ultramarina: *Epístola* (ALVARENGA, 1772), *O Desertor: poema herói-cômico* (ALVARENGA, 1774), *O Templo de Netuno* (ALVARENGA, 1777), *A Gruta americana* (ALVARENGA, 1779), *O Canto dos Pastores* (ALVARENGA, 1780) e *A Tempestade* (1780) – esta última, uma versão manuscrita publicada ineditamente por Francisco Topa (1998). Além dessas publicações, na Biblioteca Nacional de Lisboa encontra-se o manuscrito de uma ode iniciada pelos versos “Feliz a quem as musas deram”, também trazida a público por Topa (1998), em que se faz presente a seguinte nota original: “Alcino (sic) Palmireno é o nome que a Arcádia Ultramarina dá a Manuel Inácio de Souza (sic) Alvarenga”³.

Silva Alvarenga retornou para o Brasil no final do ano de 1776, no mesmo navio em que também viajava o irmão de Basílio da Gama, Pe. Antônio Caetano Villas Boas (LAPA, 1960). Na travessia do Atlântico, compôs *O Templo de Netuno*, publicado um ano depois em Portugal, em que se despede do “amado Termindo”, da “formosa Lisboa” e da “alegre Sintra” (ALVARENGA, 1777). Nesta última cidade, também desfrutara da acolhedora morada de Alvarenga Peixoto, quando este lá servia como juiz.

Chegado ao Brasil, passa a viver em Minas Gerais, na vila de São João Del Rei, o que é ignorado por alguns biógrafos, até a sua mudança definitiva para o Rio de Janeiro, entre 1781 e 1782, para exercer o ofício de professor régio de Retórica.⁴ Essa permanência em Minas Gerais comprova-se

² No documento de diplomação de Joaquim Inácio de Seixas Brandão como árcade romano, assinado em sessão ocorrida entre março e abril de 1763, consta que fora indicado por Termindo Sipílio, codinome arcádico de Basílio da Gama, e consta também, à parte, em anotação escrita à mão, o objetivo a que se propunha aquele evento: “*per la fondazione della colonia oltremarina*”. A história de como essa missão passou às mãos de Cláudio Manuel da Costa encontra-se explicada em Versiani (2015, 2019).

³ Biblioteca Nacional de Lisboa, Ms. 258, n. 7, fl. 5v-6r.

⁴ Na capital do Vice-Reinado, funda em 1786 a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, dissolvida por determinação régia em 1794, pela acusação de inconfidência. Até a sua morte, em 1 de novembro de 1814, dedica-se à literatura, ao teatro e ao trabalho editorial, sendo um dos fundadores da Revista “O Patriota”, em 1813 (SILVA, 1864).

pela junção de alguns elementos: o primeiro, revelado por Rodrigues Lapa (1960, p. XXXIII), é o documento em que aparece o seu nome como exercendo a advocacia no fórum de São João Del Rei, datado de 1777; outro elemento é o poema *O Bosque da Arcádia*, recitado em homenagem ao natalício da esposa de D. Rodrigo de Menezes, governador de Minas Gerais, em setembro de 1780 (TOPA, 1998), numa solenidade acadêmica de que também participaram outros árcades que em Minas viviam; mencionamos ainda o testemunho manuscrito da écloga *O Canto dos Pastores*, colhida por Topa (1998) em miscelânea da Biblioteca Geral de Coimbra, que vem acompanhada da seguinte indicação toponímica e cronológica: “Do Rio das Mortes, em o 1º de novembro de 1779” (TOPA, 1998, p. 113). Como se vê, são vários os rastros a ser perseguidos nos arquivos para calçarmos melhor o percurso de Silva Alvarenga em Minas Gerais, entre 1777 e o início da década de 1780, período de grande vigor produtivo dos árcades ultramarinos.

A Gruta Americana foi a primeira obra publicada de Silva Alvarenga escrita em solo brasileiro. As referências históricas existentes no poema nos permitem datá-lo do ano de 1778. Ele trata das invasões das tropas espanholas no sul do país, ocorridas desde o início de 1777, já que a Espanha há muito se mostrara insatisfeita com os termos do Tratado de Madrid, assinado em 1750. As invasões fizeram com que se arregentassem, em algumas regiões da colônia, reforços para reconquistar, entre outros territórios, parte do atual estado do Rio Grande do Sul e a ilha de Santa Catarina, tendo partido de Minas tropas lideradas pelo governador D. Antônio de Noronha (1775-1779). O episódio é também motivo do *Canto Heroico*, de autoria de Cláudio Manuel da Costa (1996a), o que torna possível a composição de um diálogo entre os dois poemas, de autores que integravam, como árcades ultramarinos, a mesma rede de sociabilidade então existente em Minas.

2 Cláudio Manuel e os tempos áureos do movimento arcádico ultramarino

Em tese de doutoramento, adotamos a expressão “Movimento Arcádico Ultramarino” para designar a rede de sociabilidade poética, e também política, entre os poetas árcades brasileiros, que se processava dos dois lados do Atlântico, no trânsito entre Minas Gerais, Rio de Janeiro, Lisboa, Coimbra, Sintra e Roma (VERSIANI, 2015). O movimento foi inaugurado em meados da década de 1760, quando diversos poetas brasileiros, que viviam à época em Portugal, claramente se articulavam entre

as redes culturais, poéticas e políticas do Reino, em polêmicas e desafios que também fariam parte da denominada Guerra dos Poetas⁵. Em Minas Gerais, esse movimento tinha como alicerce o poeta Cláudio Manuel da Costa, que concluíra mais de uma década antes os seus estudos em Coimbra, e desde 1754 se estabelecera novamente na terra natal, transitando entre as redes de poder locais, como Secretário de Governo, Senador, Juiz do Senado, da Câmara, ou através do exercício público e particular da sua advocacia. Caminhavam junto aos seus passos políticos as suas produções e aspirações literárias, que incluíam a pretensão de se criar em Minas uma “República das Letras”, uma tópica apropriada da antiguidade greco-latina pela ilustração do século XVIII, que pressupunha uma relação compartilhada, dentro do contexto sociocultural, entre o Estado e os poetas.

É bem propagada a íntima relação de Cláudio Manuel com os governadores que se sucederam na capitania de Minas Gerais, desde pelo menos a gestão de D. Luiz Diogo Lobo da Silva (1763-1768), com quem Cláudio Manuel empreendera, em 1763, uma viagem “dilatada e aspérrima” por todas as regiões da capitania, viagem essa que serviria também como base para a escrita do “Fundamento Histórico” ao poema *Vila Rica* (MELLO E SOUZA, 2011). Essa substantiva relação se aprofundou ainda mais durante os governos do Conde de Valadares (1768-1773), D. Antônio de Noronha (1775-1780) e D. Rodrigo de Menezes (1780-1783)⁶. O Conde de Valadares estava presente e foi homenageado em discursos e poemas das duas sessões acadêmicas em que Cláudio Manuel anunciou a criação da Arcádia Ultramarina, sendo então aclamado pelo poeta como “o protetor” da nascente Arcádia. Já à época do governo de D. Rodrigo de Menezes, ocorriam no Palácio do Governo inúmeras sessões acadêmicas e festivas, com a ostensiva presença dos demais árcades então residentes em Minas, incluindo o poeta Silva Alvarenga.

⁵ A expressão propagou-se a partir dos estudos de Teófilo Braga (1984) no século XIX, referindo-se aos embates satíricos iniciados pela oposição que se firmou entre participantes da Arcádia Lusitana e do denominado Grupo da Ribeira das Naus, mas que se expandiram para outros pequenos grupos, que entre o Tejo e o Mondego se articulavam. Nas frentes de batalha, agrupavam-se também os árcades ultramarinos Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto.

⁶ Essa relação sofreria uma forte ruptura ao tempo do governo de Cunha Menezes (1784-1788), que foi asperamente ridicularizado nas *Cartas Chilenas*, tanto por Tomás Antônio Gonzaga quanto por Cláudio Manuel, que escreveu a *Epístola às Cartas*.

Em sua partida do governo de Minas, D. Rodrigo de Menezes, o Conde de Cavaleiros, foi presenteado por Cláudio Manuel com uma edição manuscrita do poema *Vila Rica*, obra que o poeta jamais chegaria a ver publicada, provavelmente por restrições da Coroa ou da Censura Régia (VERSIANI, 2015)⁷. A tópica da terra pátria foi vastamente utilizada por Cláudio Manuel, não apenas no poema *Vila Rica* e na *Fábula do Ribeirão do Carmo*, mas também em outros inúmeros sonetos, éclogas e canções, como é o caso do *Canto Heroico*, composto em homenagem ao governador D. Antônio de Noronha. O assunto é uma “heroica” campanha militar liderada pelo governador, mas no poema Cláudio Manuel também aponta, de forma magistral e nem sempre sutil, muitos elementos negativos e depreciativos em relação à guerra, especialmente o flagelo dos povos por ela provocado.

Podemos dizer que essa crítica, restringindo-nos ao contexto da época e evitando teleologismos, procede muito mais de um sentimento antimilitarista do que pacifista, o que é coerente com o que professavam muitos poetas e filósofos do final do século XVIII. A crítica à guerra está presente em outras obras de Cláudio Manuel, principalmente da fase de sua maturidade poética, na década de 1780. É o caso da estrofe a seguir, pinçada do drama da morte de Alexandre Magno, recentemente publicado:

Grandes, que arrebatados
 Da soberba ambição levais a guerra
 Às mais longínquas regiões da terra;
 Agora debruçados,
 Se é que o pasmo o concede,
 Sobre o sepulcro de Alexandre; vede
 Como eloquente o seu silêncio dita
 Os desenganos que a razão medita
 (VERSIANI, 2016, p. 100)

⁷ Tivemos oportunidade, no setor de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, de folhear este manuscrito. Trata-se de um exemplar belíssimo, de fina estampa, muito bem-acabado e encadernado, como se fosse endereçado realmente à publicação. Ao presentear o Conde de Cavaleiros, quando este deixou o governo de Minas, quem sabe Cláudio Manuel não pensasse contar com este importante aliado numa futura publicação do poema *Vila Rica*?

3 A gruta mítica da Arcádia

O poema *A Gruta Americana*, como o próprio nome sugere, não se atém a narrar, de forma convencional, o assunto das guerras entre Portugal e Espanha em terras brasileiras. Ele é composto como um grande quadro alegórico, no qual a história da guerra é contada por uma entidade indígena que se esconde em uma gruta encravada nos sertões das Minas. O canto mágico que ecoa da gruta é precedido por uma narrativa que descreve detalhadamente o cenário, os personagens e os elementos que lá se escondem.

Num vale estreito o pátrio rio desce
De altíssimos rochedos despenhado
Com ruído, que as feras ensurdece.

Aqui na vasta gruta sossegado
O velho pai das ninfas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado;

Pedaços d'ouro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o céu quis derramar nestes lugares.

Os braços dão as árvores frondosas
Em curvo anfiteatro onde respiram
No ardor da sesta as dríades formosas.

Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco nestes bosques giram.
(ALVARENGA, 1779, p. 275- 276)⁸

Em tudo essa descrição faz lembrar a caverna idílica apresentada pela Ninfa Eulina no canto V do poema *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa (1996b). Aqui se pinta, como no poema do árcade precursor, o “pátrio rio”, que em cachoeira despenca das montanhas. No interior da gruta, o velho “pai das ninfas tutelares” parece se inspirar no “Gênio que guarda as pátrias Minas”, cantado por Cláudio Manuel, que buscara, no “mais fundo de um

⁸ Utilizamos aqui a versão publicada por Joaquim Norberto de Souza e Silva, em 1864, procedendo a devida atualização ortográfica.

monte a estância bruta”, a gruta em que se acolher (COSTA, 1996b, p. 403). O ambiente descrito se identifica com a primitiva Arcádia mitológica da Grécia clássica, mas reflete muito mais a Arcádia Ultramarina, em que ninfas e dríades, tal qual se descreve no *Vila Rica* a gruta de Eulina, revestem-se do ouro e das riquezas de Minas:

Eulina, que Garcia ao lado chama,
Em um assento de ouro marchetado
Lhe tem junto a uma mesa preparado
O brinde da mais rara formosura.

Cem taças de ouro são, onde procura
Mostrar-lhe aos olhos quanto desentranha
De mais precioso o Rio, ou a Montanha.

Muitas Ninfas em roda a estão cercando,
Nas lindas mãos nevadas sustentando
Os tesouros que oculta e guarda a Terra
(Tristes causas do mal, causas da guerra!)
(COSTA, 1996b, p. 423-424)

Se Silva Alvarenga não leu o manuscrito do *Vila Rica* (é bem provável que àquela altura já o tivesse lido, pois já se achava concluído em 1773), comunga do mesmo olhar de Cláudio Manuel quanto à pintura das entidades míticas da sua terra. A plasticidade da ação mágica, fantástica, de raiz indígena, é um elemento explorado de forma comum na poesia árcade ultramarina: índias feiticeiras são igualmente a Tanajura, d’*O Uruguai*, de Basílio da Gama; a Eulina, de Cláudio Manuel, no *Vila Rica*; a Amazona, de Silva Alvarenga, em *A Gruta Americana*...

4 A guerra na narrativa mítica, heroica e crítica dos poetas

No decorrer do poema, Silva Alvarenga sobrepõe, às índias e ninfas das Minas, a Musa americana: a Amazona e os animais que habitavam da América a “ardente zona”:

Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas, fortíssima Amazona
Rege do alto lugar em que se assenta.

Prostrado aos pés da intrépida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Anfíbio habitador da ardente zona.

Quem és, do claro céu ínclita filha?
Vistasas penas de diversas cores
Vestem e adornam tanta maravilha.

Nova grinalda os gênios e os amores
Lhe oferecem e espalham sobre a terra.
Rubis, safiras, pérolas e flores.

Juntam-se as ninfas, que este vale encerra,
A Deusa acena e fala: o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a áspera serra
Escuta, o rio para, o vento dorme:
(ALVARENGA, 1864, p. 276-277)

Quem agora fala não são mais as ninfas e os gênios da terra pátria, mas a Deusa Amazona. Isso porque, nesta *Arcádia*, os índios americanos também podem ser literariamente representados como deuses mitológicos, posto que, entre os ditos árcades ultramarinos, as referências mitológicas agora não são mais exclusivas da tradição greco-latina. E quando a Deusa Amazona se levanta e fala, “a serra escuta, o rio para, o vento dorme”:

“Brilhante nuvem d’ouro,
Realçada de branco, azul e verde,
Núncia de fausto agouro,
Veloz sobe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortais danos
O grande rei José d’entre os humanos.
Quando ao tartárico açoite
Gemem as portas do profundo averno,
Igual à espessa noite
Voa a infausta discórdia ao ar superno,
E sobre a lusa América se avança
Cercada de terror, ira e vingança;
(ALVARENGA, 1864, p. 277)

Silva Alvarenga localiza através desses versos, no tempo e no espaço, o evento de que trata o poema. A Deusa vê nas nuvens de ouro, que aos céus sobem, até perderem-se de vista, a morte gloriosa do Rei D. José I, “vencedor dos mortais danos”, ocorrida em 1777, mesmo ano em que a discórdia chega “ao ar superno” das Coroas ibéricas, e sobre a América Portuguesa avança o terror da guerra:

És a guerra terrível
Que abala, atemoriza e turba os povos,
Erguendo escudo horrível,
Mostra Esfinge e Medusa, e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iníquo braço:
Tem o rosto de bronze, o peito de aço.

Pálida, surda e forte,
Com vagaroso passo vem soberba
A descarnada morte.
Com a misérrima triste fome acerba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exala ao longe, e ofusca o ar sereno.

Ruge o leão ibero
Desde Europa troando os nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pesares.
E as vagas sombras ao trifauce grito
Deixam medrosas o voraz Cocito;

Os montes escavados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacilam assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulfúreo, que no bronze soa,
O céu, e a terra, e o mar, e o abismo atroa.
(ALVARENGA, 1864, 277-278)

A guerra é pintada de forma extremamente depreciativa, antes mesmo de nomear o inimigo, o “leão ibero” que desde a Europa ruge, “troando os nossos mares”. Silva Alvarenga era recém-chegado às Minas, em 1777, quando o governador D. Antônio de Noronha deixou a capitania comandando suas tropas. Naquele momento, Cláudio Manuel compunha o seu *Canto*

Heroico Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha, na ocasião em que os movimentos da Guerra do Sul o obrigaram a marchar para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Gerais. Não sabemos se Silva Alvarenga esteve presente no evento, mas provavelmente tivera conhecimento do poema de Cláudio Manuel, que nas suas três primeiras estrofes constituem um verdadeiro hino contra a guerra, aproximando-se, mais épico e menos lírico, do poema de Silva Alvarenga:

Marte feroz, que com semblante irado
Influís nos mortais a dura guerra,
Sofre que a teus ouvidos chegue o brado
Da minha aflita, e magoada Terra:
A paz tranqüila e o sereno estado
Do nosso bem por ti já se desterra;
Por ti eu vejo que a discórdia crua
Sacode as serpes da madeixa sua.

Busca a ardente fornalha o ferro que antes
De útil arado ao lavrador servia;
Punhais agudos, lanças penetrantes
Levam na mão, que os rege a morte fria:
Ouvem-se as vozes dos clarins vagantes,
Soa da caixa a fúnebre harmonia,
Guerra, guerra, publica o eco horrendo,
Que os montes fere, os vales vai rompendo.

Deixa da amada esposa o casto leito
O saudoso pai, que o filho adora,
E do amor e da honra ao vário efeito,
Desperta a um tempo, e ao mesmo tempo chora;
Fugi, mortais, que o palpitante peito
Treme e se gela; a Fama vencedora
De longe vos acena, e vos convida;
Mas de sangue e de pó será tingida.
(COSTA, 1996a, p. 479-480)

Os versos descritos parecem demonstrar grande preocupação do poeta Cláudio Manuel com os impactos da guerra na vida dos habitantes da sua terra. Chega ao extremo de aconselhar a deserção aos que para ela se viram convocados: “Fugi, mortais, que o palpitante peito/ treme e se gela; a Fama vencedora/ de longe vos acena, e vos convida;/ mas de sangue e de

pó será tingida”. Mas o autor intervém imediatamente na sua narração, ao perceber tal deslize, ou heresia, já que aqui não se trata de uma sátira, mas de um encômio em louvor ao comando heroico do governador D. Antônio de Noronha. Não caberiam, portanto, opiniões formadas contra a guerra e contra os efeitos por ela impingidos à gente da sua terra:

Céus, e como inda anima a ideia infame
Um concelho tão vil? Que influxo impuro
Me arrebatá, e me obriga a que vos chame
Ao letargo infeliz de um veio escuro?
A glória ilustre, a glória vos inflame
De sustentar de vossa Pátria o muro,
De ver a vossos pés o orgulho fero,
Com que vos ameaça o ferro ibero.
(COSTA, 1996a, p. 480)

Silva Alvarenga não se mostra também indiferente às agruras que a guerra provoca na terra natal, e sua Amazona ecoa Cláudio Manuel, ao descrever o pavor dos povos “generosos, que no seio da paz a glória inunda”:

Os ecos pavorosos
Ouviste, ó terra aurífera e fecunda,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a glória inunda;
Armados correm de uma e d’outra parte
Ao som primeiro do terrível Marte.

A hirsuta Mantiqueira,
Que os longos campos abrasar presume,
Viu pela vez primeira
Arvoradas as quinas no alto cume,
E marchar as esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.
(ALVARENGA, 1864, p. 278-279)

O poema de Alvarenga, posterior ao de Cláudio, foi concluído, ao que tudo indica, após o Tratado de Santo Ildefonso, assinado em outubro de 1777, que pusera fim àquela guerra. Por isto, ele pode cantar a paz, que então se plenifica, no louvor à intervenção da sucessora de D. José:

Mas, rainha augusta,
Digna filha do céu justo e piedoso,
Respiro, e não me assusta
O estrépito e tumulto belicoso,
Que tu lanças por terra num só dia
A discórdia, que os povos oprimia.

As hórridas falanges
Já não vivem d’estrageo e de ruína,
Deixam lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado, e a malha fina;
Para lavar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e à rígida bigorna.

Já caem sobre os montes
Fecundas gotas de celeste orvalho;
Mostram-se os horizontes,
Produz a terra os frutos sem trabalho;
E as nuas Graças, e os Cupidos ternos
Cantam à doce paz hinos eternos.

(ALVARENGA, 1864, p. 279-280)

Nestes versos, Silva Alvarenga mais uma vez dialoga com o *Canto Heroico* de Cláudio Manuel, que ali lamentaria que a guerra roubasse, na “ardente fornalha” que fabrica as armas, “o ferro que antes/ de útil arado ao lavrador servia”. Agora, selada a paz, Silva Alvarenga pode ver, através dos olhos da Musa americana, que “para lavar a terra o ferro torna/ ao vivo fogo e à rígida bigorna”. E cessadas as trágicas visões, a indígena e deusa Amazona pode então dirigir sua última fala ao trono lusitano, para repetir o encômio do “forte e adusto americano”, que ao Rei também entrega, não se fala a troco de que pena, “o sangue, e a própria liberdade”:

Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao trono lusitano
Destes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue, e a própria liberdade.”

(ALVARENGA, 1864, p. 280)

Na próxima e última estrofe, dirige-se o poeta ao seu maior mestre, Basílio da Gama, a quem é dedicado *A Gruta Americana*. Silva Alvarenga revela então toda a solidez da amizade construída por quase uma década que passara junto a Basílio em Portugal. O amigo conhecia, pois, “do triste Alcindo a longa história”. Na verdade, fora Basílio, o Termindo Sipílio, árcade romano, que conduziu Alcindo Palmireno ao “Templo da Memória”, ingressando-o na colônia ultramarina da Arcádia Romana. E por isto pede, saudosa e modestamente, ao amigo que faça a ele tornarem-se as Musas, que se lhe formaram na longa experiência no centro do Império, e de onde, reconhecedoras da força de sua lira, continuam ainda lhe acenando:

Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde à mão, que já com glória
O fez subir ao estrelado acento.

Sabes do triste Alcindo a longa história,
Não cuides que os meus dias se serenam,
Tu me guiaste ao templo da memória;
Torna-me às musas, que de lá me acenam.
(ALVARENGA, 1864, p. 280)

Este saboroso diálogo poético entre Silva Alvarenga e Cláudio Manuel da Costa se insere nas novas relações poéticas e políticas que se apresentavam na capitania de Minas, a partir do final da década de 1770, com o retorno de alguns poetas que residiam em Portugal e o seu reencontro com o pioneiro Cláudio Manuel. É quando se verifica o ressurgimento, senão institucional, mas prático, da velha Arcádia Ultramarina, cujo projeto nascera na Itália em 1763, por ocasião da diplomação de Joaquim Inácio de Seixas Brandão como árcade romano, indicado por José Basílio da Gama, “per la fondazione della colonia oltremarina” (VERSIANI, 2019). Dessa revigorada Arcádia, entre as décadas de 1770 e 1780, participariam os principais poetas árcades que então viviam na colônia americana do Império Português: Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga e Manoel Inácio da Silva Alvarenga.

Há algum tempo rastreamos, não apenas na biografia dos poetas árcades brasileiros, mas também através de uma análise comparativa e dialógica entre os poemas, como eles se articulavam e interagem com o seu contexto histórico/temporal, por meio da dimensão poética. Mas ainda não

havíamos apresentado um diálogo direto entre poemas de Silva Alvarenga e Cláudio Manuel da Costa. Esperamos, com este trabalho, abrir também esta direção, que visa, principalmente, a comprovar a magnitude e extensão daquilo que denominamos movimento arcádico ultramarino.

Referências

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *A gruta americana*. In: SILVA, J. N. S. *Obras poéticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864. p. 275-280.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *A gruta americana*: por Alcindo Palmireno arcade ultramarino a Termindo Sipilio arcade romano. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1779.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *A Termindo Sipilio arcade romano por Alcindo Palmireno arcade ultramarino*: epístola. Coimbra: Officina de Pedro Ginioux, 1772.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *O canto dos pastores*: por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, arcade ultramarino. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1780.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *O Desertor*: poema heroi-comico por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, na arcádia ultramarina Alcindo Palmireno. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1774.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *O templo de Netuno*: por Alcindo Palmireno arcade ultramarino. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777.

BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa*: os árcades. vol. 4. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), 1984.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Canto heroico a D. Antônio de Noronha*. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos Inconfidentes*: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996a.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Vila Rica*. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos Inconfidentes*: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996b.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Obras poéticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

TOPA, Francisco. *Para uma edição crítica da obra do arcadista brasileiro Silva Alvarenga: inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*. Porto: Edição do Autor, 1998.

VERSIANI, Carlos. A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, 2019.

VERSIANI, Carlos. Cláudio Manuel e o drama da morte de Alexandre Magno. *Caletroscópio*, Mariana, v. 4, p. 88-118, 2016. Número Especial.

VERSIANI, Carlos. *O movimento arcádico no Brasil setecentista: significado político e cultural da Arcádia Ultramarina*. 2015. 236 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.